

a fórmula do amor

helen hoang

Tradução de Sérgio Gonçalves



DEDICADO À MINHA FAMÍLIA.

OBRIGADA,
Ngoai, Mę,
Chj 2, Chj 3, Chj 4, Anh 5 e 7,
por serem o meu porto seguro.

OBRIGADA,
Querido,
por me amares, independentemente de rótulos,
manias, obsessões e afins.

OBRIGADA,
B-B e I-I,
por deixarem a mamã escrever.
Vocês são o melhor da vida.



AGRADECIMENTOS



DIZEM QUE A ESCRITA É UMA TAREFA SOLITÁRIA.

E é verdade. Uma pessoa senta-se e escreve sozinha. Mas este livro jamais teria chegado tão longe sem a ajuda e o apoio de muitas, muitas, *muitas* pessoas.

Este livro, no presente formato, não existiria se eu não tivesse tido a oportunidade de participar na competição Pitch Wars da Brenda Drake. Obrigada, Brenda e equipa do Pitch Wars. Vocês estão a fazer algo de maravilhoso. (Caso seja um escritor de ficção ainda não publicada, deveria mesmo dar uma vista de olhos ao *site* pitchwars.org) A competição colocou-me em contacto com a minha incrível mentora, Brighton Walsh, que teve um efeito imensurável na minha vida. Ela não só me ajudou a melhorar a minha escrita, como me guiou ao longo desta viagem desenfreada em direção à publicação, tornando-se simultaneamente uma verdadeira amiga. Obrigada, Brighton, do fundo do meu coração.

Muito obrigada a todos os meus colegas críticos, por reservarem tempo para ler o meu trabalho. Ava Blackstone, tu foste a minha primeira amiga na escrita. Deste-me coragem e confiança, e sou uma verdadeira sortuda por te ter conhecido. Kristin Rockaway, tu leste o primeiro rascunho rasca deste livro, e o teu *feedback* ajudou-me a entrar no Pitch Wars. O primeiro beijo do Michael e da Stella ficou melhor (e mais estranho, lol) graças a ti!

Gwynne Jackson, seu ser humano fantástico, obrigado por estares lá para mim. És honesta, paciente e carinhosa, e vou manter-te comigo para sempre. Suzanne Park, nem sei por onde começar, contigo. Tu és uma pessoa verdadeiramente generosa, engraçada até mais não, e entendes-me. Jen DeLuca, sinto-me grata por ter tido uma irmã mentorada durante o Pitch Wars e fico supercontente por teres sido tu. Sinto inveja da tua escrita formidável e tento rivalizá-la. ReLynn Vaughn, obrigada pela tua honestidade e pelo encorajamento e por me incluíres em Viva La Colin para que eu pudesse conhecer Ash Alexander e Randi Perrin. Vocês, minhas senhoras, são tão divertidas. A. R. Lucas, divertir-me-ei para sempre sabendo que criei a Stella baseando-me em ti. Shannon Caldwell, obrigada por me teres dito que leste o livro inteiro numa única noite — passeei o meu sorriso horas a fio. Jenny Howe, obrigada por me deixares ir-te enviando as últimas alterações, por forma a manter-me no caminho. C. P. Rider, temos de voltar ao Denny's!

Obrigada ao grupo de mentorados do Pitch Wars de 2016. Vocês são um grupo incrível de pessoas. Mesmo agora, enquanto escrevo estes agradecimentos, alguns de vocês estão a escrever comigo no nosso Am Writing Group. Ian Barnes, Meghan Molin, Rosiee Thor, Laura Lashley, Tricia Lynn, Maxym Martineau, Alexa Martin, Rosalyn Baker, Julie Clark, Tracy Gold, Tamara Anne, Rachel Griffin (ainda quero dar o título *Calculust* a um livro!), Nic Eliz, Annette Christi, e tantas outras pessoas que estiveram lá para virar mesas virtuais em alturas de rejeição, preparando-as para brindes aos sucessos. Vocês tornam esta coisa de escrever em algo ainda melhor. Obrigada a Laura Brown, mentora do Pitch Wars. Eu não fui tua mentorada, mas a tua bondade ficou sempre comigo.

Obrigada ao grupo de Romance Writers of America de San Diego. Demi Hungerford, Lisa Kessler e Marie Andreas, grande parte do meu trabalho de escrita e revisão nasce durante as nossas corridas. Tameri Etherton, Laura Connors, Rachel Davish, Tami Vahalik, Tessa McFionn e Janet Tait, vocês são um grupo de mulheres espetacular, e conseguem sempre fazer-me sentir bem-vinda. Agradecimentos extra a HelenKay Dimon por liderar o Desafio de Escrita de Abril do nosso grupo, durante o qual escrevi a maior parte do primeiro esboço deste livro.

Obrigada à Autistic Women's Association por me ter ajudado a conhecer outras mulheres autistas como eu própria. As pessoas com que eu interagi no nosso grupo de Facebook são alguns dos indivíduos mais cêndidos, mais atenciosos que alguma vez conheci, e é uma experiência incrível saber que não estou sozinha, que há outros que partilham os mesmos desafios e as mesmas excen-tricidades. Harriet, Heather, Elizabeth e Tad, entre muitos outros, vocês foram um enorme apoio, ao aprender mais sobre mim pró-pria e o autismo, levando-me eventualmente a alcançar um diag-nóstico. Obrigada pela vossa amizade.

Agradecimentos especiais à minha agente incrível, Kim Lionetti, por ser paciente comigo, por lutar comigo, e por tornar sonhos em realidade ao encontrar uma casa para o *A Fórmula do Amor*.

Obrigada, Cindy Hwang, por veres o potencial neste livro e por seres absolutamente maravilhosa. Kristine Swartz, Jessica Brock, Tawanna Sullivan, Colleen Reinhart, e outros, foi um pra-zer trabalhar convosco. Obrigada, Berkley, por me ajudarem a partilhar outra perspetiva com os leitores e combater literalmente o ódio com amor.

CAPÍTULO

(1)²

— Eu sei que odeias surpresas, Stella. Com o intuito de te comunicarmos as nossas expetativas e providenciarmos um prazo razoável, fica sabendo que estamos prontos para ter netos.

O olhar de Stella Lane saltou do seu pequeno-almoço para o rosto graciosamente envelhecido da sua mãe. Uma discreta aplicação de maquilagem dirigia a atenção para olhos fervorosos cor de café. Soava a um mau presságio para Stella. Quando a sua mãe metia algo na cabeça, parecia um texugo-do-mel numa demanda por vingança — pugnaz e obstinado, mas sem o rosno e o pelo.

— Obrigada pela informação — disse Stella.

O choque deu lugar a um turbilhão de pensamentos assustadores. Netos significava bebés. E fraldas. Montanhas de fraldas. Fraldas a rebentar pelas costuras. E os bebés choravam, lamúrias de *banshee* que nem os melhores auscultadores poderiam abafar. Como conseguiam eles chorar tanto, por tanto tempo, sendo tão pequeninos? Além disso, bebés significavam maridos. Maridos significavam namorados. Namorados significavam encontros. Encontros significavam *sexo*. Ela arrepiou-se.

— Já estás nos trinta, minha querida Stella. Estamos preocupados por ainda estares solteira. Já experimentaste o Tinder?

Ela agarrou no seu copo de água e emborcou um trago enorme, engolindo accidentalmente um cubo de gelo. Após pigarrear, disse:

— Não. Não tentei.

O mero ato de pensar no Tinder — e nos respetivos encontros que o mesmo se propunha a proporcionar — provocava-lhe calafrios. Ela detestava tudo o que estivesse relacionado com namoricos: o afastamento do conforto da sua rotina, as conversas, que ora eram fúteis, ora desconcertantes, e, uma vez mais, o *sexo*...

— Propuseram-me ser promovida — disse ela, na esperança de que isso distraísse a sua mãe.

— Outra promoção? — perguntou o pai dela, baixando o seu exemplar do *Wall Street Journal* e tornando os seus óculos de aro fino visíveis. — Ainda há seis meses foste promovida. Isso é fenomenal.

Stella endireitou as costas e sentou-se na borda do assento.

— O nosso cliente mais recente, um grande operador *online* que pretende permanecer anónimo, forneceu-nos um conjunto de dados impressionante, e eu posso divertir-me a trabalhar neles o dia inteiro. Criei um algoritmo para ajudar com algumas das suas sugestões de compra. Aparentemente, está a funcionar melhor do que o esperado.

— Quando é que essa promoção entra em vigor? — perguntou-lhe o seu pai.

— Bem... — O molho holandês e a gema de ovo dos seus pastéis de caranguejo *Benedict* tinham-se misturado, e ela tentou separar os líquidos amarelos com a ponta do seu garfo. — Eu não aceitei a promoção. Era uma posição principalmente econométrica que exigiria muito mais interação com os clientes. Eu simplesmente quero trabalhar com os dados.

A sua mãe limitou-se a afastar essa afirmação com um aceno de mão indiferente.

— Estás a tornar-te complacente, Stella. Se parares de te desafiar a ti própria, deixarás de fazer avanços nas tuas habilidades sociais. Por falar nisso, não tens colegas no trabalho com quem gostasses de namoriscar?

O pai dela pousou o jornal e dobrou as mãos sobre a barriga redonda.

— Sim, que tal aquele rapaz, Philip James? Quando o conhecemos no teu último jantar de empresa, ele pareceu bastante simpático.

As mãos da mãe de Stella voaram para a frente da boca como um bando de pombos a atirar-se sobre migalhas de pão.

— Oh, como pude eu não pensar nele? Ele foi tão bem-educado. E também não era nada desagradável à vista.

— Creio que se pode dizer que é uma pessoa simpática. — Stella deslizou os dedos sobre a condensação no seu copo de água. A ser honesta, ela já tinha considerado Philip. Ele era presunçoso e cáustico, mas era uma

pessoa direta. Ela apreciava muito isso nas pessoas. — Acho que ele tem uma série de perturbações de personalidade.

A mãe dela deu-lhe uma pequena palmada na mão. Quando terminou, em vez de levar a mão de volta ao seu colo, pousou-a em cima dos nós dos dedos de Stella.

— Nesse caso, talvez ele fosse uma boa opção para ti, querida. Ao ter de lidar com os seus próprios problemas, poderá mostrar-se um pouco mais compreensivo com a tua Asperger.

Embora as palavras tivessem sido ditas em tom de constatação de factos, aos ouvidos de Stella soavam pouco naturais e incomodativas. Um breve olhar de relance pelas mesas circundantes na área de jantar exterior coberta do restaurante assegurou-lhe que ninguém tinha ouvido, e ela baixou o olhar para a mão pousada sobre a sua, abstendo-se conscientemente de a sacudir. Toques invasivos irritavam-na, e a sua mãe sabia disso. Ela fazia-o para a “aclimatar”. Acima de tudo, dava com Stella em doida. Seria possível que Philip conseguisse compreender isso?

— Vou pensar sobre o caso — disse Stella, e disse-o com intenção. Ela detestava mentir e prevaricar ainda mais do que odiava sexo. E, no final do dia, ela queria fazer com que a sua mãe se sentisse orgulhosa e feliz. Independentemente do que Stella fizesse, aos olhos da sua mãe ela ficava sempre uns passos aquém do sucesso e, com isso, aos seus próprios olhos. Um namorado resolveria isso, ela sabia-o. O problema é que, por muito que se esforçasse, não conseguia manter um homem.

Os olhos da sua mãe brilharam.

— Excelente. O próximo jantar de beneficência que vou organizar será apenas daqui a uns meses, e desta vez quero que tragas um acompanhante. Eu adoraria ver o Sr. James marcar presença contigo, mas, se isso não for possível, eu arranjo alguém.

Stella contraiu os lábios. A sua última experiência sexual ocorrera num dos encontros às cegas organizado pela sua mãe. Ele era bem-parecido — ela tinha de o admitir —, mas o seu sentido de humor tinha-a confundido. Sendo ele um investidor de capital de risco e ela uma economista, deveriam ter muita coisa em comum, mas ele não quisera falar do seu trabalho. Em vez disso, preferira debater políticas de escritório e táticas de manipulação, deixando-a de tal forma perdida que ficara certa de que o encontro fora um tremendo fracasso.

Quando ele lhe perguntara, sem rodeios, se ela queria fazer sexo com ele, fora apanhada completamente desprevenida. Como odiava dizer não,

ela disse-lhe que sim. Tinha havido beijos, dos quais ela não desfrutara. Ele sabia-lhe ao borrego que tinham comido ao jantar. Ela não gostava de borrego. A água-de-colónia dele enjoara-a, e ele tocara-lhe pelo corpo todo. Como sempre acontecia em situações de intimidade, o corpo dela desligara-se. Antes que ela sequer se apercebesse, ele já tinha terminado. Livrara-se do preservativo no balde do lixo ao lado da secretaria do quarto do hotel — isso tinha-a incomodado; ele saberia certamente que coisas dessas deveriam ser levadas para a casa de banho? —, dissera-lhe que ela precisava de se descontrair e fora-se embora. Ela podia apenas imaginar o quanto desapontada a sua mãe ficaria se soubesse o verdadeiro desastre que a sua filha era com homens.

E agora a sua mãe também queria bebés.

Stella levantou-se e pegou na sua mala.

— Preciso de ir trabalhar. — Ainda que ela estivesse bastante adiantada no que se referia a prazos, *preciso* continuava a ser a palavra adequada, naquele caso. O trabalho fascinava-a, canalizando o desejo ardente no seu cérebro. Também era terapêutico.

— Essa é a minha miúda — disse o pai dela, levantando-se e sacudindo a sua camisa havaiana de seda, antes de lhe dar um abraço. — Mais uns tempos e tornas-te dona daquilo.

Enquanto ela lhe dava um breve abraço — ela não se importava com o contacto desde que fosse ela a iniciá-lo ou tivesse tempo para se preparar mentalmente para isso —, inspirou o odor familiar do seu *aftershave*. Porque não podiam todos os homens ser simplesmente como o seu pai? Ele achava-a bonita e brilhante, e o seu cheiro não lhe provocava náuseas.

— Sabes muito bem que o trabalho dela é uma obsessão pouco saudável, Edward. Não a encorajes — disse a mãe dela, antes de virar a sua atenção para Stella, soltando um suspiro maternal. — Devias sair com outras pessoas ao fim de semana. Se conhecesses mais homens, sabes muito bem que acabarias por encontrar a pessoa certa.

O pai dela deu-lhe um beijo frio na testa e sussurrou:

— Quem me dera também estar a trabalhar.

Stella acenou-lhe com a cabeça enquanto a sua mãe a abraçava. O colar de pérolas sempre presente da sua mãe fez pressão contra o esterno de Stella, e o *Chanel N.º 5* envolveu-a. Ela aguentou o cheiro enjoativo durante três longos segundos, antes de dar um passo atrás.

— Vejo-vos aos dois no próximo fim de semana. Adoro-vos. Tchau.

Acenou com as mãos aos pais antes de sair do luxuoso restaurante na Baixa de Palo Alto, percorrendo a pé os passeios delineados por árvores e lojas luxuosas. Após três quarteirões soalheiros, chegou a um prédio de escritórios baixo que alojava o seu local preferido no mundo: o seu escritório. A janela no canto à esquerda, no terceiro andar, pertencia-lhe a ela.

A fechadura na porta de entrada abriu-se, emitindo um som, quando ela ergueu a sua mala até ao sensor, precipitando-se para o interior do prédio vazio, enquanto usufruía do eco solitário dos seus tacões no mármore, ao passar pela secretaria vazia na receção e entrar no elevador.

Já dentro do seu escritório, deu início à sua tão adorada rotina. Primeiro, ligou o seu computador e inseriu a sua *password* no ecrã principal. Enquanto o *software* carregava, enfiou a sua mala na gaveta da secretaria e foi encher a sua chávena com água da cozinha. Tirou os sapatos e colocou-os no seu lugar habitual, por baixo da secretaria. Sentou-se.

Ligar computador, *password*, mala, água, sapatos, sentar-se. Sempre por esta ordem.

O Statistics Analysis System, também conhecido como SAS, carregou automaticamente, e os três monitores na sua secretaria foram invadidos por correntes de dados. Compras, cliques, tempo médio de sessão, tipos de pagamento — no fundo, coisas básicas. Mas diziam-lhe mais acerca das pessoas do que as próprias pessoas alguma vez o faziam. Esticou os dedos e pousou-os sobre o teclado preto ergonómico, ansiosa por se deixar envolver pelo seu trabalho.

— Ah, olá, Stella, bem me parecia que poderias ser tu.

Ela olhou por cima do ombro e sentiu-se abalada pela visão inopportunamente de Philip James a espreitar pela porta. O corte demasiado preciso do seu cabelo castanho-amarelado enfatizava o seu rosto quadrado, e ele vestia um polo que lhe ficava justo no peito. Tinha um ar fresco, sofistificado, inteligente — precisamente o tipo de homem que os seus pais queriam para si. E ele tinha acabado de apanhar a trabalhar por mero prazer no fim de semana.

O seu rosto ruborizou-se, e ela empurrou os óculos por cima da ponte nasal.

— O que estás tu a fazer aqui?

— Tive de vir buscar algo de que me esqueci ontem. — Ele retirou uma caixa de dentro de um saco de compras e acenou-lha. Stella conseguiu

discernir a palavra *TROJAN*¹ em maiúsculas gigantes. — Tem um bom fim de semana. Eu sei que eu vou ter.

O pequeno-almoço com os seus pais percorreu-lhe a mente. Netos, Philip, a perspetiva de mais encontros às cegas, ser bem-sucedida. Lambeu os lábios e despachou-se a dizer algo, *qualquer coisa*.

— Precisavas mesmo de uma caixa desse tamanho?

Assim que as palavras saíram da sua boca, ela estremeceu.

Ele sorriu com o seu sorriso malicioso mais cretino, mas a imagem dos seus dentes brancos e fortes atenuou o efeito irritante do mesmo.

— Tenho quase a certeza de que vou precisar de metade deles hoje à noite, tendo em conta que a nova estagiária do chefe me convidou para sair.

Stella foi apanhada de surpresa. A nova rapariga parecia ser tão tímida. Quem alguma vez se lembraria de pensar que ela era tão atrevida?

— Para jantar?

— E mais algumas coisas, creio — disse ele, com um brilho nos seus olhos cor de avelã.

— Por que motivo esperaste até que ela te convidasse para sair? Porque não lhe perguntaste tu primeiro? — Ela tinha ficado com a impressão de que os homens gostavam de dar o primeiro passo nestes assuntos. Estaria errada?

Numa série de movimentos impacientes, Philip voltou a meter o abastecimento de preservativos no seu saco de compras.

— Ela acabou de sair da universidade. Não estava para ser acusado de me meter com meninas novas. Além disso, gosto de miúdas que saibam o que querem e façam por isso... especialmente na cama. — Ele lançou-lhe um olhar de avaliação, que a percorreu dos pés ao rosto, sorrindo como se conseguisse ver através das suas roupas, e ela empertigou-se, mostrando-se imperturbada. — Diz-me uma coisa, Stella, ainda és virgem?

Ela voltou a virar-se para os ecrãs dos seus computadores, mas os dados recusavam-se a fazer sentido. O cursor do ecrã de programação piscava.

— Não é que tenhas algo a ver com isso, mas não, não sou virgem.

Ele entrou no escritório dela, encostou uma anca à secretaria dela e fitou-a com um olhar de descrença. Ela ajustou os óculos, embora não necessitasse de o fazer.

— Com que então, o nosso Ás em econometria já “o fez”. Quantas vezes? Três?

¹ Marca norte-americana de preservativos. (*N. do T.*)

Nem pensar em lhe dizer que tinha acertado em cheio.

— Não tens nada a ver com isso, Philip.

— Quase que apostava que te limitas a ficar deitada a calcular recordações lineares enquanto o homem trata do que quer. Estou certo, menina Lane?

Stella faria isso de bom grado, se arranjasse forma de inserir gigabytes de dados no seu cérebro, mas morreria antes de o admitir.

— Um breve conselho de um homem que já deu umas quantas voltas: vê se arrandas forma de praticar. Se fores boa a fazê-lo, vais gostar mais, e se gostares mais, os homens vão gostar mais de *ti*. — Ele afastou-se da secretária e dirigiu-se para a porta, com o seu saco de preservativos a baloiçar vivamente. — Desfruta do teu fim de semana interminável.

Assim que ele saiu, Stella levantou-se e fechou a porta, recorrendo a mais força do que a necessária. A porta bateu com um baque sonoro e vibrante, e o coração dela sobressaltou-se. Limpou as mãos húmidas na sua saia lápis enquanto tentava recuperar o controlo da sua respiração. Quando ela se sentou à secretária, estava demasiado agitada para fazer algo mais do que observar o cursor a piscar.

Teria Philip razão? Será que ela não gostava de sexo por ser má nisso? Levaria realmente a prática à perfeição? Que conceito fascinante. Talvez o sexo não passasse de outra coisa interpessoal em que ela precisasse de aplicar esforços adicionais — como no caso de uma conversa casual, de contacto visual e de etiqueta.

Mas como, exatamente, é que se deveria praticar sexo? Não era propriamente como se homens se andassem a atirar a ela como aparentemente as mulheres faziam com Philip. Quando ela realmente conseguia ir para a cama com um homem, ele ficava tão desencorajado pela monotonia da experiência que uma vez era mais do que suficiente para ambos.

Além disso, ela estava em Silicon Valley, reino de génios das tecnologias e cientistas. Muito provavelmente, os homens solteiros disponíveis eram tão desajeitados na cama quanto ela. Com a sorte que tinha, dormiria com uma porção estatisticamente significativa deles, nada ganhando com isso para além de assaduras nas virilhas e DST.

Não, aquilo de que Stella necessitava era um profissional.

Não só era garantido que estivessem livres de doenças, como também teriam registos comprovativos de resultados. Pelo menos, ela presumia que assim fosse. Seria assim que ela iria gerir as coisas se estivesse nessa área de negócio. Os homens normais eram incentivados por coisas como

personalidade, humor, e sexo escaldante — coisas que ela não tinha. Os profissionais eram incentivados pelo dinheiro. E acontecia que Stella tinha bastante dinheiro.

Em vez de trabalhar nos seus dados acabados de chegar, Stella abriu o *browser* e pesquisou “Serviço de acompanhantes masculinos na Área da Baía de São Francisco”.

CAPÍTULO

(2)²

Que envelope deveria ele abrir primeiro? O dos resultados das análises ou a conta? Michael era paranoico com o tema de proteção, por isso os resultados das análises deveriam ser bons. Deveriam. De acordo com a sua experiência, não era necessário uma razão específica para que a merda acontecesse. Já as contas, por sua vez, eram algo garantido. Eram sempre uma nódoa. A única dúvida era com que força lhe pontapeariam os tomates.

Retesando os seus músculos e preparando-se para o choque, rasgou o envelope com a conta. Quanto seria este mês? Ele levou o olhar para o fundo da fatura discriminada e localizou a quantia final. O ar ficou preso nos seus pulmões até por fim sair de uma só rajada. Estava longe de ser horrível. Numa escala de pungente a aniquilador, ele dava-lhe uma mera nota de escoriação.

Provavelmente isso significava que tinha contraído clamidíase.

Pousou a conta no armário de metal escondido por detrás da mesa da cozinha e abriu o envelope com os resultados das suas últimas análises de prevenção de DST. Tudo negativo. Safara-se, foda-se. Era de novo sexta-feira à noite, o que significava que ele ia ter de trabalhar.

Estava na hora de se colocar na disposição para umas quecas. Não era tarefa fácil, após pensar em DST e nas malditas contas. Por breves instantes, permitiu-se imaginar como seriam as coisas se as contas parassesem de chegar. Seria livre, por fim. Poderia voltar à sua velha vida e... foi invadido por um sentimento de vergonha. Não, ele não queria que

as contas parassem de chegar. Ele jamais quereria que isso acontecesse. Jamais.

À medida que Michael percorria lentamente o seu apartamento vulgar em direção à casa de banho e se livrava das suas roupas, tentou reavivar o seu velho entusiasmo por aquela atividade. A natureza tabu da mesma havia sido o suficiente no início, mas após três anos de serviços de acompanhante, perdera a piada. No entanto, a vertente de vingança continuava a satisfazê-lo.

Olha só para o teu filho único, Pai.

Seria um tormento para o seu pai descobrir que Michael fazia sexo a troco de dinheiro. Um pensamento deliciosamente prazeroso. No entanto, estava longe de ser um pensamento que o excitasse. Era para isso que serviam as fantasias. Percorreu mentalmente as suas favoritas. Com que disposição estaria ele nessa noite? *Doido por uma professora? Por uma dona de casa negligenciada? Ser o amante secreto?*

Abriu a torneira do chuveiro e aguardou até que o vapor invadisse o ar antes de se colocar sob a corrente de água quente. Inspirou, expirou, e preparou-se mentalmente. Qual é que era mesmo o nome da cliente dessa noite? Shanna? Estelle? Não, Stella. Estava disposto a apostar vinte dólares em como esse não seria o nome verdadeiro dela, mas estava-se a marimbar para isso. Ela escolhera pagar adiantado. Tentaria fazer algo especialmente agradável por ela. Avançaria com o *doido por uma professora*.

Estava no primeiro ano de universidade. Faltara a todas as suas aulas exceto esta, porque a Sr.^a Stella gostava de deixar cair o apagador do quadro mesmo ao lado da sua cadeira. Imaginando a saia dela a subir-lhe enquanto se dobrava para apanhar o apagador, levou as mãos ao pénis e esfregou-o com movimentos firmes. Quando a aula acabou, inclinou-a de cabeça para baixo sobre a sua secretária e puxou-lhe a saia acima das ancas, apenas para descobrir que ela não estava a usar roupa interior. Penetrou-a com força e de uma só vez. Se alguém entrasse ali naquele momento...

Com um grunhido, afastou a mão antes de se perder na tentação. Estava mentalizado e preparado para se encontrar com a Sr.^a Stella fora da sala de aula.

Manteve a fantasia presente na sua mente enquanto terminava o seu duche, se secava e saía da casa de banho para vestir umas calças de ganga, uma *t-shirt* e um casaco desportivo preto. Uma breve espreitadela ao espelho ainda meio embaciado e duas passagens dos dedos pelo seu cabelo húmido confirmaram que estava apresentável.

Preservativos, chaves, carteira. Por força do hábito, voltou a ler no seu telemóvel a secção de comentários adicionais do trabalho daquela noite.

Por favor, não utilize água-de-colónia.

Isso era fácil. Até porque ele nem sequer gostava de nada disso. Meteu o telemóvel no bolso, juntamente com tudo o resto, e saiu do seu apartamento.

Não demorou muito até que tivesse já estacionado no parque subterrâneo do Hotel Clement. Enquanto percorria o caminho até ao átrio elegante e ultramoderno, certificou-se de que as lapelas do seu casaco estavam para baixo e cumpriu com o seu ritual pré-encontro, em que imaginava qual seria o aspetto da sua cliente.

Para aquela noite, sob o campo Idade de Cliente, a informação indicava trinta anos. Ele suspirou e corrigiu mentalmente a idade para cinquenta. Tudo o que fosse abaixo de quarenta era sempre mentira — a não ser que fosse uma daquelas coisas em grupos, que ele não fazia. Festas de despedidas de solteiras rendiam uma boa maquia, mas a mera ideia de destruir um amor tão jovem deprimia-o terrivelmente. Talvez soasse patético, mas ele queria viver num mundo onde as futuras noivas apenas fizessem sexo com os seus futuros noivos e vice-versa. Além disso, grupos enormes de mulheres excitadas era algo de aterrorizante. Ninguém se conseguia defender delas, e as suas unhas eram afiadas.

“Stella” poderia muito bem ser uma cinquentona apaparicada doida por doces, *spas* e chihuahuas, decadentemente obesa, adorando ser venerada na cama — algo com que Michael não tinha qualquer problema. Também poderia ser uma cinquentona em forma, que gostasse de praticar ioga, beber sumo verde e de maratonas de sexo que puxariam mais pelos abdominais de Michael do que quaisquer exercícios com halteres. Ou então, última na sua lista de preferências, poderia ser uma asiática ambiciosa e durona que o tinha escolhido porque, com a sua descendência vietnamita e sueca, ele se parecia imenso com a estrela coreana Daniel Henney. Este último tipo de mulher levava-o inevitavelmente a recordar-se da sua mãe, e após dormir com elas, ele sentia sempre a necessidade de uma sessão de terapia com um saco de boxe.

Ao entrar no restaurante do hotel, procurou, por entre as mesas mal iluminadas, uma mulher de cabelos e olhos castanhos com óculos. Visto que, um pouco mais cedo, tinha percorrido os seus *e-mails* sem quaisquer incidentes de maior, preparava-se agora para o pior. O seu olhar avançou pelas mesas ocupadas por homens de negócios até se deparar com uma

mulher asiática desacompanhada, de meia-idade, que tentava explicar à empregada como deveria preparar a sua salada. Quando ela passou as suas unhas pintadas pelo seu cabelo castanho-claro, ele sentiu um aperto no estômago e começou a avançar na sua direção. Avizinhava-se uma noite longa.

Não, aquilo era o culminar de todo um semestre de tensão sexual. Ambos queriam aquilo. Ele queria aquilo.

Antes que a pudesse alcançar, um homem mais velho com a figura de um juncosentou-se do lado oposto a ela e pousou a mão sobre a dela. Confuso, mas aliviado, Michael recuou e voltou a pesquisar o restaurante. Não havia ninguém sentado sozinho... exceto uma rapariga no canto extremo.

O seu cabelo escuro estava puxado para trás, num coque apertado, e tinha uns óculos que lembravam uma bibliotecária sensual pousados num nariz pequeno e engraçado. Aliás, avaliando pelo que ele conseguia ver dela, parecia tudo ter sido escolhido de um *cosplay* de bibliotecária sensual. Tinha uns sapatos de tacão alto, uma saia lápis cinzenta e uma camisa branca *oxford* abotoada até à garganta. Era possível que a sua idade rondasse os trinta, mas Michael dava-lhe vinte e cinco. Havia algo de jovem e robusto nela, embora o seu olhar carrancudo parecesse algo feroz enquanto passava a ementa a pente fino.

Michael olhou em redor, procurando por uma equipa de filmagem escondida ou pelos seus amigos a desfazerem-se em risos por detrás dos vasos de plantas. Não encontrou nenhum dos dois.

Fechou as mãos em redor das costas da cadeira em frente a ela.

— Desculpa, és a Stella?

Os olhos dela dispararam na direção do seu rosto, e Michael perdeu o fio de raciocínio. Aqueles óculos de bibliotecária sensual exibiam aquele que certamente seria o mais fascinante par de olhos castanhos. E os lábios dela — eram suficientemente cheios para serem tentadores, mas sem fugirem à sua aparência meiga geral.

— Peço desculpa. Devo ter-me enganado — disse ele, com um sorriso que, esperava, soasse mais a um pedido de desculpa e menos a alguém embaraçado. Jamais uma rapariga como aquela teria contratado um acompanhante.

Ela piscou os olhos e deu um encontrão na mesa enquanto se levantou de um pulo.

— Não, sou mesmo eu. Tu és o Michael. Reconheço-te pela tua

fotografia. — Ela estendeu-lhe a mão. — Chamo-me Stella Lane. Prazer em conhecer-te.

Ele manteve o olhar fixo na expressão fixa dela e na mão que lhe havia sido estendida durante uma fração de segundo de estonteamento. Não era daquela forma que as suas clientes o cumprimentavam. Regra geral, indicavam-lhe o assento com um ligeiro esgar dos lábios e um brilho nos olhos — aquele brilho que denunciava que se achavam melhores do que ele, mas que, independentemente disso, estavam ansiosas pelo que ele lhes poderia proporcionar. Ela tinha-o cumprimentado como... a um semelhante.

Recuperando rapidamente da sua surpresa, ele envolveu a mão delicada dela na sua e cumprimentou-a.

— Michael Phan. Igualmente contente por te conhecer.

Quando lhe largou a mão, ela indicou-lhe a sua cadeira num movimento estranho.

— Por favor, senta-te.

Ele sentou-se e observou-a enquanto se endireitava na insegurança da beira da sua cadeira, com as costas retas como uma tábua. Ela procurou o seu rosto, mas ao ver que ele erguia uma sobrancelha de espanto, desviou a sua atenção para a ementa. Ajustou a posição dos seus óculos enrugando o nariz.

— Estás com fome? Eu estou. — Os nós dos seus dedos ficaram brancos da força com que agarrava a ementa. — O salmão aqui é bom, e o bife também. O meu pai gosta do borrego... — O seu olhar subiu de imediato para o rosto dele, e, mesmo sob a luz fraca, ele conseguiu ver as bochechas corarem. Ela pigarreou. — Bom, talvez devamos esquecer o borrego.

Não conseguindo resistir, ele perguntou-lhe:

— Porque não o borrego?

— Acho que tem um sabor muito rançoso, e se tu... quando nós... — ela ergueu o olhar para o teto e respirou fundo. — Tudo o que eu faria seria pensar em ovelhas, cordeiros e lã.

— Compreendido — disse ele, com um sorriso malicioso.

Quando ela ficou a fitar a boca dele, como se não se conseguisse recordar do que estava prestes a dizer, o sorriso dele alargou-se. As mulheres escolhiam-no porque gostavam da aparência dele. No entanto, poucas reagiam assim. Era lisonjeador, ainda que fosse engraçado.

— Há algo que prefiras que *eu* não coma ou beba? — perguntou ela.

— Não, sou uma pessoa bastante descomplicada. — Ele manteve a sua voz ligeira e tentou ignorar o aperto que sentiu no peito. Tinha de ser azia. A mera atenção que recebia não lhe poderia estar a causar aquilo.

Após a empregada apontar os seus pedidos e deixá-los a sós, Stella bebericou do seu copo de água e desenhou formas geométricas na condensação com a delicadeza das pontas dos seus dedos. Quando notou que ele a estava a observar, retirou a mão do copo e sentou-se sobre ela, corando como se tivesse sido apanhada a fazer algo que não devia.

Havia algo de terno naquela atitude. Se ela não tivesse já pagado, ele não acreditaria que ela realmente queria aquilo. Por que motivo queria ela aquilo? Ela devia ter um namorado... ou um marido. Contrariando o que tinha vindo a fazer — era melhor que não soubesse —, ele olhou para a mão esquerda dela, que estava pousada na mesa. Não tinha aliança. Não havia nenhuma marca branca no dedo.

— Tenho uma proposta para ti — disse ela, subitamente, lançando-lhe um olhar fixo surpreendentemente direto. — Exigiria uma espécie de compromisso... creio que ao longo dos próximos meses. Eu... preferiria... ter acesso exclusivo a ti durante esse período de tempo. Caso estejas disponível.

— O que tens em mente?

— Primeiro diz-me, por favor, se estás disponível.

— Apenas trabalho nas noites de sexta-feira. — Isso não era negociável. Servir de acompanhante uma vez por semana era mal suficiente. Se ele o tivesse de fazer com maior frequência, ficaria doido dos cornos, e ele não se podia permitir a deixar que isso acontecesse. Havia demasiadas pessoas a depender dele.

Além disso, ele também nunca voltava a aceitar marcações da mesma cliente. Isso levava a que se criasse uma espécie de ligação, e ele não conseguia suportar isso. Mas queria ouvir o que ela tinha a propor antes de recusar.

— Isso quer dizer que tens vaga para os próximos meses? — perguntou ela.

— Depende do que pretendas propor.

Ela empurrou os óculos pelo nariz acima e esticou os ombros para trás.

— Eu sou terrível... naquilo que tu fazes. Mas quero tornar-me melhor. Creio que conseguiria tornar-me melhor se alguém me ensinasse. Gostaria que essa pessoa fosses tu.

A compreensão da situação inundou Michael numa série de ondas irreais. Ela achava que era má. Em sexo. E queria lições para melhorar. Ela queria que ele lhe servisse de tutor.

Mas como raio se poderia ensinar alguém a fazer sexo?

— Creio que devíamos fazer um *test drive* antes de combinarmos seja

o que for — argumentou Michael. Ela não devia ser realmente má a fazer sexo e, além disso, ela já tinha pagado. No mínimo, ele tinha de estar disponível para aquela noite.

Franzindo a testa, ela anuiu.

— Tens toda a razão. Deveríamos estabelecer um ponto de partida.

Um sorriso malicioso voltou a surgir nos lábios dele.

— És alguma espécie de cientista, Stella?

— Oh, não. Sou economista. Mais precisamente, trabalho em econometria.

De acordo com o manual de Michael, isso colocava-a seguramente na categoria de barras, e um estranho arrepió percorreu-lhe a nuca. Não é que ele tinha uma tara por miúdas inteligentes? Havia uma razão para a sua fantasia preferida ser *doido por uma professora*.

— Não faço ideia do que isso seja.

— Utilizo estatística e cálculo para modelar sistemas económicos. Estás a ver aquelas alturas em que, após comprares algo *online*, te enviam recomendações futuras? Eu ajudo-os a formular essas recomendações. Hoje em dia, é uma área bastante em voga e fascinante. — Enquanto fala, ela inclinou-se na direção dele, com os olhos a brilharem de entusiasmo. Os seus lábios curvavam-se como se lhe estivesse a contar um segredo. Acerca de coisas de matemática. — Hoje em dia, o material é completamente diferente daquele que eu costumava ensinar quando estava na universidade.

Aquela sensação estranha que subia pela espinha de Michael intensificou-se. De alguma forma, ela tinha-se tornado mais bonita ao longo da sua conversa. Olhos castanhos e pestanas grossas, lábios que desenhavam um beicinho, um maxilar delicado, um pescoço vulnerável. Imagens vívidas de si a desabotoarem os botões da camisa dela percorreram-lhe a mente.

No entanto, e ao contrário do que era habitual, ele não queria fazê-lo de forma apressada. Ele não queria passar diretamente para a parte da pincocada, sair e ir para casa. Aquela miúda era diferente. Era aquela centelha nos olhos dela. Ele queria levar o seu tempo e ver se conseguia fazê-la brilhar com um tipo de excitação diferente. A pila dele arremessou-se contra a braguita, trazendo Michael de volta para a realidade.

A sua pele tornara-se quente e sensível, e a sua pulsação trovejava de ansiedade. Há séculos que não se sentia tão excitado. E ele não estava a fantasiar que ela era outra pessoa qualquer. Lembrou-se a si mesmo de que aquilo não passava de negócio. Os seus desejos e as suas necessidades

pessoais não tinham lugar ali. Aquele serviço era como qualquer outro, e quando estivesse terminado, ele avançaria para o próximo.

Respirou fundo e disse a primeira coisa que lhe veio à cabeça.

— Estavas na equipa de matemática na secundária?

Ela riu-se, baixando o olhar para o seu copo de água.

— Não.

— Clube de ciências? Ou talvez fosse o clube de xadrez.

— Não e não. — O sorriso dela era triste, quase inexistente, levando-o a questionar-se como teria sido o secundário para ela. Voltando a erguer o olhar para ele, ela disse: — Deixa-me adivinhar, futebol americano, eras defesa central.

— Não. O meu pai acreditava piamente que o desporto era uma coisa de gente estúpida.

A sobrancelha dela ergueu-se, levando-a a franzir um pouco a testa.

— Acho isso difícil de acreditar. Tens um ar bastante... atlético.

— Ele apenas encorajava a coisas práticas. Como defesa pessoal. — Ele detestava concordar com o seu pai fosse no que fosse, mas tendo em conta o negócio de família, e a ajuda de Michael com o mesmo, as técnicas tinham-se demonstrado úteis quando miúdos arruaceiros se metiam com ele.

Uma espécie de sorriso curioso iluminou-lhe o rosto.

— O que sabes fazer? MMA? *Kung-fu?* *Jeet kune do?*

— Pratiquei um pouco de tudo. Porque é que parece que realmente sabes do que falas?

O olhar dela voltou a baixar para o copo de água.

— Gosto de filmes de artes marciais e coisas do género.

Ele soltou um grunhido, à medida que a suspeita se adensava.

— Não me digas... és fã de séries coreanas?

Ela inclinou a cabeça enquanto um sorriso se formava nos seus lábios.

— Sim.

— Eu *não* pareço o Daniel Henney.

— Não, tens uma aparência mais interessante.

Ele fincou as mãos nas bordas da mesa à medida que o seu rosto aqueria. Foda-se, ele estava a corar. Mas que raio de acompanhante alguma vez corava? As suas irmãs tinham *posters* de Henney colados por todas as paredes dos seus quartos, tinham inclusive criado uma escala de beleza masculina que ia de um a Henney. Haviam concordado entre si que Michael merecia um oito sólido. Ele pouco se marimbava com o seu lugar na escala, mas o facto de aquela miúda genial lhe ter dado um onze disse-lhe algo.

O jantar chegou, poupando-o a ter de responder ao elogio dela. Ela tinha pedido o salmão, por isso ele fizera o mesmo. Não havia hipótese de ele comer borrego. Grunhiu para si mesmo. *Rançoso*.

O peixe dele estava bom, por isso comeu tudo. Suspeitava de que ali fosse tudo bom. The Clement era um dos hotéis mais exclusivos de Palo Alto, com quartos que chegavam a custar mais de mil dólares por noite. Aparentemente, o pessoal de econometria ganhava rios de dinheiro.

No entanto, à medida que observava Stella a debicar o seu jantar, compreendeu que tudo nela era minimalista. O seu rosto não tinha qualquer maquilhagem, as suas unhas eram curtas e não estavam pintadas e as suas roupas eram simples — embora lhe servissem perfeitamente. De certeza que tinham sido feitas à medida.

Quando ela pousou o garfo e limpou a boca, o salmão ia ainda a meio. Se se conhecessem melhor, ele tê-lo-ia comido por ela. A sua avó sempre o obrigara a terminar o jantar até ao último grão de arroz.

— Não vais comer mais?

— Estou nervosa — admitiu ela.

— Não precisas de estar. — Ele era o raio de um bom acompanhante, e trataria dela. Ao contrário do que acontecia com a maioria dos seus serviços, estava até ansioso por isso.

— Eu sei. Não consigo evitá-lo. Podemos simplesmente despachar a coisa?

As sobrancelhas dele contraíram-se. Jamais ouvira alguém dizer algo semelhante com referência a uma noite com ele. Mudar a disposição dela ia ser algo divertido.

— Muito bem. — Estendeu o seu guardanapo sobre o prato vazio e levantou-se. — Vamos para o teu quarto.